

Alimentos sobem no DF mais do que no País

Inflação medida pelo IPC-S também supera índice nacional. Ficou em 0,66%

MÁRCIA DELGADO

Os preços no Distrito Federal ficaram acima da média do resto do País. É o que mostra a Fundação Getúlio Vargas (FGV) que, ontem, divulgou o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S). Enquanto que no Brasil a inflação subiu 0,48%, no DF, a alta foi de 0,66%, no período entre 23 de setembro a 22 deste mês. Os alimentos encareceram mais em Brasília do que em outras capitais.

Na contramão de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, que registraram queda no preços dos alimentos de 0,10% e 0,12%, respectivamente, em Brasília os produtos alimentícios ficaram, em média, 1,9% mais caros. O tomate encabeça a lista de au-

mentos, com 14,54% (veja quadro). A carne também ficou com preço mais salgado e, segundo técnicos da FGV, isto já começa a refletir o episódio da febre aftosa bovina, que começou no Mato Grosso do Sul.

CERVEJA - O coordenador do IPC da FGV, André Braz, diz que a carne é um produto que está num período de entressafra e que a aftosa agrava a situação. Para os brasilienses, o filé mingnon está 4,20% mais caro, o contra-filé, 4,91%, e a carne moída, 2,83%. O tomate, segundo ele, está mais caro também por conta da entressafra. Quem gosta de um chopinho ou uma cervejinha depois do trabalho, também está desembolsando a mais 4,13% pelos produtos.

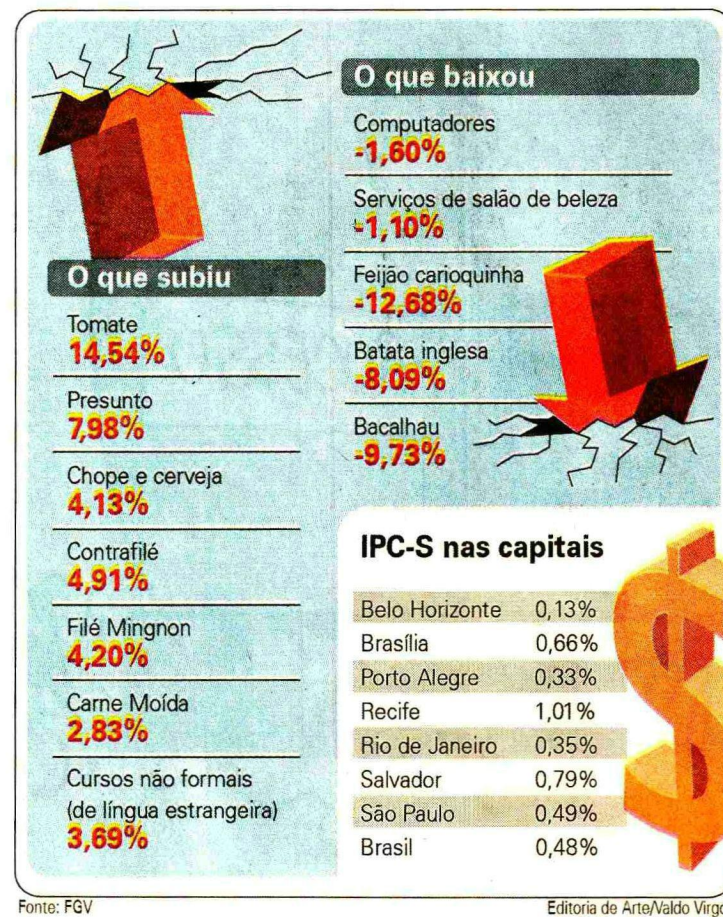
André Braz diz que, embora não tenham um peso grande no orçamento das famílias brasilienses, os alimentos impulsionaram mais a inflação em Brasília do que em outras capitais. E a lista de preços mais altos não se restringe aos alimentos. A gasolina, por exemplo, continua pesando no bolso do brasiliense. No período, a alta do produto foi de 5,31%. "A alta, no entanto, ficou abaixo daquela registrada em 15 de outubro, de 5,67%", explica.

Isso ocorre, segundo ele, porque o IPC-S, como é feito em períodos curtos (a cada semana), acaba refletindo os aumentos e também as promoções dos produtos. No caso da gasolina, o preço foi maior em 15 de outubro por-

que o reajuste do combustível autorizado pelo governo foi no dia 10, explica o coordenador do IPC.

BACALHAU - Entre os produtos que ficaram mais baratos estão o feijão carioca (-11,19%), a batata inglesa (-12,68%) e o bacalhau, que barateou 9,73%, em razão da baixa do dólar. "Se continuar com esta tendência, o brasiliense poderá comprar bacalhau mais barato na ceia natalina", afirma Braz.

Para as mulheres, a FGV dá uma boa notícia: os serviços de salões de beleza tiveram uma redução de preços de 1,10% (na média). Já os cursos de línguas estrangeiras registraram alta de 3,69%. O IPC-S mede a inflação para famílias que ganham até R\$ 9,9 mil por mês.



DAVI ZOCOLI

Nelson Cal sabe que não vai poder repassar a alta do tomate para o preço das pizzas

Perda para dono de pizzaria

A alta do tomate atinge em cheio os negócios de Nelson Cal, de 44 anos, dono de uma pizzaria no Lago Sul. "Sem esse produto não tem como fazer o molho e nem rechear as pizzas", afirma. De acordo com Cal, o prejuízo ainda é maior porque ele não pode repassar o aumento para os fregueses. "A lógica seria o reflexo no bolso dos meus clientes. Mas se fizer isso, perco o mercado", lamenta ele.

O comerciante diz que costuma pagar cerca de R\$ 25 por uma caixa de tomate na Ceasa, mas que em épocas de alta já chegou a desembolsar R\$ 70 pelo produto.

A reclamação da funcionária pública Laura de Oliveira vai além da alta dos preços. "Eles aumentam o preço, mas deixam a qualidade cair. Não tem recompensa para o consumidor", lamenta. Laura conta que deixa de comprar outras verduras para consumir o tomate. "Tenho que tomar esta atitude para não aumentar as despesas. Controlo os gastos e ainda saio no prejuízo", lembra.

A dona de casa Jandira Peixoto, 64 anos, conta que a família não sabe comer sem ter um bom pedaço de carne na mesa. Por isso, a queixa contra a alta do preço é geral.

"A carne vermelha está virando um artigo de luxo. Nem todo mundo tem condições de comprar", reclama. Jandira acha que o preço deveria ser menor devido à crise que a pecuária vive com o surto de aftosa. "Mas acabaram de me informar que o preço vai subir", lamenta.

Ela lembra que a situação esteja difícil para toda a população. A dona de casa relata o caso da diarista que trabalha com ela, que cria quatro filhos e não tem condições para comprar um pedaço de carne, muito menos um filé. "Se ela compra a carne, vai ter que comer menos", diz.